

**Uma perspectiva da loucura na contemporaneidade**

**Tonny Vieira de Oliveira**

**Brasília**

**Setembro de 2017**

## **Introdução**

A loucura sempre foi uma questão peculiar de analisar. Nos dias de hoje, atrelado ao senso comum e até mesmo dentro da ciência, é possível perceber certas atribuições aos loucos que o caracterizam como proprietário de um discurso sem veracidade, um sujeito perigoso, um ser que possui algum problema biológico ou até mesmo espiritual a ser resolvido. O louco assim é representante de um papel social marginalizado, ele faz parte então do refúgio social, onde o seu discurso, seu comportamento, sua intenção é deslegitimada pelo estigma social atribuído ao seu diagnóstico, ou seja, tudo que o louco faz é loucura e não ação legítima de existência. O que torna peculiar desse fenômeno é que existem distintas interpretações dele, tais interpretações estão inteiramente influenciadas pelo tipo de sociedade que as constroem. Por exemplo, nas sociedades aborígenes os loucos ocupavam um papel social privilegiado de extrema importância, pois eram eles os xamãs, os profetas e videntes, que ajudavam nas tomadas das decisões mais importantes dos chefes de estado. Sendo assim, quem é o louco? O que é a loucura?

Pasmem amigos, o louco é um sujeito legítimo com interpretação existencial autêntica. E a loucura, nada mais que uma falácia de controle social, que não autoriza uma visão denunciadora em relação às maneiras de convivências e seus tabus sociais existentes nesse tecido das relações sociais.

Com o desenvolver do estado, da medicina, a criação da psiquiatria veio desabrochar

em uma descida dos loucos na sua importância social. A todos seu fenômeno comportamental foi-se atribuído a conotação de doença mental, para o seu discurso atribuiu-se a denominação de discurso delirante. O louco perdeu assim sua legitimidade a partir do momento que foi enquadrado dentro de uma percepção de doente, um problema social.

Pois bem, com o levantar de uma nova percepção da loucura, começaremos com o quebrar de um primeiro paradigma do fenômeno, entendendo que a denominação “doença mental” é uma falácia, tornando necessário o uso do termo transtorno mental. Pois a loucura não pode ser determinada como uma doença, essa denominação é atribuída a fenômenos que possuem uma causa orgânica, não sendo o caso da loucura. Ela não possui uma causalidade orgânica para sua existência, ela se desenvolve no plano metafísico, ontológico em relação a subjetivação do indivíduo em relação ao mundo e seu tecido social de relação. Por não ser uma questão dependente da lógica orgânica para sua existência, as ferramentas da psiquiatria torna-se inválida, pois ela atende apenas a uma superfície do problema, atendendo a seu segundo plano, sua manifestação corpórea. O transtorno mental está além da sua alçada positivista, pois o fenômeno possui sua lógica além do campo do corpóreo, ela desdobra-se na lógica ontológico do sujeito.

Sendo um fenômeno que tem sua lógica além do biológico, é necessário pensar uma epistemologia que está além da mecanicidade do corpo em relação ao seu funcionamento biológico. Um desenvolver teórico que busca mergulhar nesse mundo ontológico construído pelo sujeito, que ao invés de buscar uma maneira de resolução ou cura desse fenômeno, busca assim compreender tal fenômeno como uma forma legítima de existência que possui sua lógica de agenciamentos dentro da maneira em que o

sujeito entende , interpreta e interage com o tecido social.

A legitimação do transtorno mental como possibilidade de existência nos leva a novo enxergar do fenômeno, possibilitando um deslumbre em relação a grandeza de sua força criativa, sua percepção ímpar das engrenagens sociais, sua interpretação do mundo e de seus objetos existentes, de sua interpretação das relações no campo social. Não é difícil achar referencias para esses tais deslumbres, basta lermos as obras e influencias filosóficas de Antonin Artuad. Os trabalhos do artista plástico Bispo do Rosário, os trabalhos de pintura e escultura presentes no museu do inconsciente que teve seu inicio com a psiquiatra Nise da Silveira.

Objetivo geral: Discutir a representação da loucura no mundo contemporâneo para além da perspectiva da patologia.

Objetivos específicos:

. Compreender o impacto da esquizoanálise como prática psicoterapêutica ao estudo da loucura.

## **Fundamentação teórica**

O trabalho vem desenvolver e problematizar a visão da loucura no mundo contemporâneo sob as perspectivas de abordagens filosóficas, que percebem tal fenômeno de maneira distinta a tradicional visão médica psiquiátrica. Pois de acordo com Panisset (1997), a loucura passou a ser compreendida como um problema, uma doença a partir do momento que ocorreu a constituição da psiquiatria. A psiquiatria aparece então como constituidora de uma percepção da loucura como um problema ou um defeito a ser resolvido. Porém podemos além de deslegitima essa afirmação redutora, construir uma visão mais abrangente do fenômeno loucura, aonde ela é percebida como uma maneira distinta de interpretação do sujeito. Nas leituras de Foucault (1970) é possível perceber que na Sibéria, uma sociedade que foi denominada como “primitiva”, possuía uma interpretação dos loucos diferenciada da visão psiquiátrica. Aos ditos “loucos” nessa sociedade eram atribuídos a um significado de extrema importância social, considerando-os como Xamãs. Com base nessa percepção sobre a loucura, que percebemos outro verso da possibilidade para podermos estar entendendo esse fenômeno tão curioso e complexo.

Para um melhor entendimento sobre o transtorno mental, torna-se necessário a compreensão do significado de sujeito e a visão de homem das teorias seguintes apresentadas, para conseqüentemente poder desenvolver uma melhor elucidação sobre como seria representado esse sujeito em um estado patológico do existir.

Com intenção de estarmos apresentando diferentes possibilidades de percepções desse sujeito, vamos inicialmente se apropriar das contribuições de Tenório (2003), discorrendo sobre a visão de sujeito dentro da perspectiva fenomenologia existencial. A

autora afirma que o conceito de sujeito implica em perceber em um ser constituído de várias dimensões, um ser pluridimensional que ao estar em constante encontros com o meio ele elabora uma percepção do mundo de maneira singular, dotado de sentido particular e individual. É entendido também como um ser que possui uma consciência de suas finitudes e de suas responsabilidades decorrentes de suas escolhas no âmbito da existência. Essa caracterização de atribuição da responsabilidade da existência para o sujeito e seu modo de representação singular no mundo, nos remete a celebre frase de Sartre(1946) ao afirmar que “não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”. Ou seja, a teoria desenvolve dentro da ideia de atribuir para o sujeito uma autonomia e responsabilidade mediante a sua existência, de suas escolhas.

Tenório (2003) complementa a visão de homem, de acordo com a teoria fenomenologia existencial ao compreender o sujeito como um ser que possui capacidade de criar, de maneiras distintas, a sua existência. Tal colocação deixa claro a diversidade de possibilidades que o sujeito pode construir de si e do mundo de acordo com sua relação com o meio. Tal diversidade de existência não pode ser compreendida como um male social defeituoso por ser diferente, porem uma maneira legitima de existência constituída pelo sujeito dentro de suas possibilidades.

A maneira reducionista orgânica da percepção médica psiquiátrica ao analisar o sujeito em transtorno mental é totalmente contrária á uma nova possibilidade de compreensão do sujeito, onde o mesmo pode utilizar de suas potencialidades para estabelecer um equilíbrio e superar crises em sua interação com o ambiente. Podemos perceber uma grande distância epistemológica.

Nesse trabalho, pretendo discutir a loucura a partir da perspectiva da esquizoanálise,

possibilitando então avançar numa compreensão desse fenômeno além da dimensão diagnóstica. Porém é necessário destrinchar sobre a compreensão de indivíduo, subjetividade e subjetivação nesta teoria.

Os autores Guattari & Rolnik (1996) discorre sobre ao assunto afirmando que a subjetividade desenvolve em uma inter-relação complexa com o meio, tal relação desdobra-se o fenômeno de subjetivação, que constitui na produção da subjetividade de maneira maquímica, industrializada, extremamente fabricada, consumida, modelada. Os autores compreendem a construção da subjetividade como uma produção da cultura sob a qual estamos inseridos.

A leitura dos autores Guattari & Rolnik (1996) sobre a subjetividade ser um produto cultura, é desenvolvida baseando-se na ideia de cultura como um fenômeno que separa em esferas (blocos ou cúpulas) suas produções semióticas, orientada para não só o mundo social, mas também para o mundo cósmico dos indivíduos nelas inseridas. Os autores deixam claro que o trabalho de subjetivação das produções capitalísticas são mais profundas que uma ideologia, mais intensas que uma simples relação entre locutor e receptor. Elas agem de maneira tão enraizada a ponto de constituir o próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de sentir e perceber o mundo, em sua maneira de se portar mediante as relações profissionais e pessoais. De acordo com os autores essas produções culturais de subjetividade atuam de maneira a produzir indivíduos de forma hegemônica em todos os campos, produzir indivíduos normalizados dentro de um sistema hierárquico de valores e de submissão.

Nesse sentido, de acordo com Gonçalves (2014) quando Guattari desenvolve sobre a ideia de produção de subjetividade, ele afirma uma crítica a um modelo clássico de percepção de sujeito como dissociável da sociedade e de alguma natureza humana



genuína que possa existir no homem, ela é contra entendida pela noção de subjetividade totalmente construída pelo meio, onde o pensar, o sentir, o gostar está subordinado a máquinas de produções culturais capitalísticas. De acordo com os autores Guattari & Rolnik (1996) as produções capitalísticas de subjetividade utilizam-se de ferramentas como a família, linguagem, rádio, TV, internet, em todos os equipamentos que nos rodeiam e nos cerca de informações. Sendo assim, estamos constantemente sendo construído por elementos construtores de subjetividades ao estar assistindo televisão ou ouvindo um sermão paternal. Tais atividades são constituídas de grandiosas cargas não só de modos de estéticas ou valores morais, mas também de significação de mundo, de como nos portamos, representamos ou damos sentidos ao mundo e os fenômenos que nos ocorrem no dia a dia.

Essa visão sobre a construção da subjetividade mediante a tais ferramentas é facilmente confundida como uma percepção um tanto quanto pessimista do indivíduo ao identificar lós como totalmente passivo em relação aos efeitos de produção subjetiva capitalística. Porém Guattari & Rolnik (1996) informa que existem duas maneiras que os indivíduos tem de vivenciar essas experiência relacional da construção da subjetividade : Ou se desdobra em uma relação de opressão e alienação cujo a qual o indivíduo se encontra passivo mediante as forças maquímicas de produção, ou em uma relação de expressão e criação na qual o indivíduo se reapropria dos elementos construtores da subjetividade, essa reapropriação é denominado como singularização, uma maneira ativa de criação em relação aos produtos da subjetivação. Os autores interpretam as crianças ou pessoas internadas em hospitais psiquiátricos, que ainda não conseguem ou não querem se adequar aos esquemas de significação dominante, como pessoas que possuem uma percepção do mundo e das relações sociais, divergente da

maioria social. Uma visão que por ser diferente não significa que seja uma visão caótica, sem nexos ou interpretação. “São outros modos de representação do mundo, sem dúvida muito importante para as pessoas que deles se servem para poder viver, mas não só para elas: sua importância poderá se estender a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo” (Guattari & Rolnik 1996 p.27).”

Uma leitura da loucura nessa perspectiva nos faz perceber a impossibilidade de delimitar tal fenômeno, com toda sua complexidade, em um simplório termo nosográfico. De acordo com Peres, Borsonello, Siqueira (1999), a loucura é entendida como uma necessidade do sujeito de compor a vida sendo que essa necessidade de compor a vida não está atrelada a fatores morais dicotômicos platônicos (bem, mal, certo, errado) e sim na perspectiva de atitudes que tornem a vida mais vibrante e pulsante, existindo assim, nessa perspectiva diversas maneiras destoantes de existências. O autor afirma que a esquizoanálise rejeita toda e qualquer exemplos, modelos, modos de como viver ou se relacionar com a vida. Ela valoriza o ato criador, sem rótulos ou estruturas montáveis, nessa perspectiva a vida só pode ser julgada pela própria vida. A vida julgada pela vida, torna o homem termômetro de si mesmo, onde ele mesmo reconhece seus limites e possibilidades, reconhece se consegue ou não viver de tal maneira. Nietzsche (1890) nos complementa a compreensão com a célebre frase: “Minha atitude torna a vida mais vibrante ou mais pobre”?

Explicado algumas idéias centrais da teoria esquizoanálise, percebo como fundamental, destrinchar sobre os seus trabalhos práticos na clínica, demonstrando seu valor na clínica e sua importância teórica para estarmos trabalhando no campo da saúde mental. Trago para primeira argumentação do valor da clínica e de seu desenvolver no âmbito prático, o autor Corrêa (2006) nos trás um ponto peculiar a respeito da clínica

esquizoanalítica em relação ao seu sentido de tempo em sua ideia cronológica de passado, presente e futuro pois ela não acredita na ideia de um passado a ser descoberto ou remontagem de histórias, como resolução de conflitos desenvolvido por um suposto complexo de Édipo mal resolvido. Ela trabalha com a ideia de devir, tempo fluxo e constante onde o que importa é como funciona a economia ou o fluxo de desejo do indivíduo em sua experiência no plano do real. De acordo com Pelbart (2004) ela se preocupa em investigar o momento em que o sujeito estará submetido em sua experiência e que o irá desdobrar-se nesse conjunto de resultados inesperados.

Correã (2006) deixa explícito um segundo ponto da prática dessa teoria, o seu enfoque é no diferenciado, voltado para os devires da vida, sua proposta está embasada em trabalhar com o novo, o diferente. O autor Guattari (1987) afirma que o processo analítico deva ser desenvolvido como uma ponte, um lugar de passagem para outras paragens, em um movimento nômade, que segundo o autor é necessário para a necessidade do viver, do existir.

Para o desenvolver esse contato com o novo a teoria utiliza-se de ferramentas como linhas de fuga ou desterritorialização. Tal ferramenta analítica implica em desfazer de certos territórios delimitados que são importantes para o processo de subjetivação do indivíduo, levando-o para experienciar novas possibilidades de existir, novos modos de semiotização.

Desse modo a clínica esquizoanalítica, com sua epistemologia, ganha seu valor teórico para pensarmos a loucura como uma existência de representações de mundo legítima e não caótica ou problemática. Que o ser humano possui várias possibilidades de existência e em sua existência relacional com o meio corre em si um fluxo desejante criador que possibilita o inventar, o criar em sua relação inesperada com os devir da

vida, do cotidiano. Desse modo sua visão de sujeito em relação com sua visão sobre a loucura nos enriquece com uma forma mais humana de pensar o ser humano.

## **Método**

O método de pesquisa sob a qual trabalhamos é o método construtivo interpretativo. Em tal método é defendido a ação construtivo interpretativo do saber, sob o qual o conhecimento é entendido como uma construção, uma produção ou uma interpretação e não como um fato que traduz a realidade em si, de acordo com González Rey (2005).

O autor explicou melhor o termo construtivo interpretativo, ao afirmar a categoria do construtivo, como uma ação de especulação do pesquisador sobre o fenômeno estudado. O ato de especular foi defendido pelo autor como fundamental para a produção científica, pois especular é ter idéias, desejos, questionamentos, fantasias que mobilizam o pesquisador em procura em sua ação empírica, embasando assim sua **interpretação** do fenômeno.

Na pesquisa qualitativa o valor do conhecimento foi transmutado de sua fidedignidade com o real para sua capacidade expansão de sentido. Sendo o conhecimento sempre uma produção sob o real, o autor defende que o conhecimento torna-se legítimo a partir do momento em que a ele pode gerar novas zonas de sentido, ou seja, auxiliando em novos pensares, em novas perspectivas do saber, que em muitas vezes podem estar ligados a áreas da ciência bem distintas. Desse modo torna-se claro a não legitimação do real, e sim legitimidade do especular em consonância com o empírico.

O autor González Rey (2005) discorre também sobre a importância da legitimidade do singular, como gerador de fonte de conhecimento. Segundo o autor a legitimidade da produção teórica não está atrelada a dados empíricos e sim a qual modelo teórico que o

pesquisador desenvolve em sua pesquisa, tal modelo que possibilita uma maior clareza em relação à interpretação do fenômeno estudado. Ou seja, a legitimidade do singular dar voz ao pesquisador em trama com o empírico, levando em consideração suas implicações intelectuais.

Um terceiro aspecto da pesquisa qualitativa é a sua valorização do espaço dialógico. Segundo o autor a comunicação é um espaço privilegiado pois possibilita estudar a subjetividade do sujeito, a partir do momento que o mesmo utiliza-se da comunicação como forma de expressão simbólica em relação a qualquer fenômeno.

### **Cenário social de pesquisa**

A presente pesquisa será realizada com integrantes da rede de atenção psicossocial ou em ONG que estão em momento de transtorno mental, a pesquisa não visa limites de idades e nem transtornos específicos. O pesquisador fará uma visita nos CAPS e ONG's (que tenha trabalho voltado para saúde mental) para uma primeira apresentação do pesquisador e do TCLE aos integrantes internos, em quatro visitas com a duração de 1:30h, será desenvolvido diálogos aberto com os participantes, possibilitando assim uma aproximação maior com suas significações de realidades legítimas.

### **Participantes**

Os participantes dessa pesquisa não possuirão gênero e nem faixa etária específica. Vai ser utilizado como critério de inclusão na pesquisa ser usuário do CAPS ou de ONG que tenha um trabalho voltado para a saúde mental, a disponibilidade do sujeito, juntamente com seu querer participar.

### **Instrumento de pesquisa**

Instrumento de pesquisa foi definido pelo autor González Rey (2005) como toda e qualquer situação, ou recurso, que provoque o sujeito, que possibilite uma melhor expressão do mesmo dentro do contexto da pesquisa, sendo assim uma espécie de ferramenta interativa que não só possibilita mas também torna legítimo a expressão, tanto de quem está sendo pesquisado quanto do pesquisador. Deixando de lado então de seu caráter objetivo atóxico. O instrumento utilizado na pesquisa foi a dinâmica conversacional devido a sua característica de construção de tecido informativo. Segundo o autor González Rey (2005), ela possibilita uma maior interação entre o pesquisador e pesquisado, ela tem um caráter de tornar o participante mais ativo no processo de pesquisa, pois possibilita o mesmo a refletir e elaborar hipóteses de cunho autônomo e livre.

### **Análise e construção de informação**

O desenvolver da análise e construção dentro da pesquisa qualitativa está fundamentado em uma construção teórica dos sentidos subjetivos e os fenômenos expressos pelo sujeito em campo empírico. Desenvolve-se um trabalho em campo de acordo com a qualidade da informação observada pelo pesquisador em seu trabalho de pesquisa, como Gonzales Rey (2005) desenvolve, afirmando que as informações, os elementos e as formas de expressão que o sujeito demonstra no processo de pesquisa abre possibilidades para o desenvolver de novas hipóteses que vão desdobrando-se em afirmações teórica ou vão dando espaço para outras novas hipóteses. Sendo assim, o processo de construção das informações dos dados apresentados é flexível aos elementos indicadores percebidos pelo pesquisador no seu desenvolver prático.

### **Referências**

- Felix Guatari,F.(1987). Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.
- Foucault,M.(1970). Loucura e sociedade.
- González,F (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade.
- Guatari,F.,& Rolnik,S.(1996) Micropolítica cartografia do desejo.
- Lourenço Correa,S (2006). Esquizoanálise: Clínica e subjetividade.
- Mendes,C. (2014).Guatari e a produção da subjetividade.
- Panisset,C.(1997). O paciente excluído história e crítica das práticas médicas de confinamento.
- Pelbart,P.(2004).Tempo não-reconciliado.
- Peres, R.S.,Borsonello,E.C., Siqueira Peres,W.(1999). A esquizoanálise a produção da subjetividade: Considerações práticas e teóricas.
- Sartre, J.(1946). O existencialismo é um humanismo.
- Tenório, C.(2003). A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica-existencial.